



O Bello e o Amor em Ibn Sīnā (980-1037)
The Beauty and Love in Ibn Sīnā (980-1037)
El Bello y el Amor en Ibn Sīnā (980-1037)

Ricardo da COSTA¹
Evandro Santana PEREIRA²

Resumo: Este trabalho analisa os conceitos do *Amor* e da *Beleza* no *Risalah fi'l-'ishq* (*Tratado sobre o Amor*), do filósofo Ibn Sīnā (980-1037).

Palavras-chave: Estética – Ibn Sīnā – Amor – Beleza.

Abstract: This paper analyses the subjects of *Love* and *Beauty* in the *Risalah fi'l-'ishq* (*A Treatise on Love*) of the philosopher Ibn Sīnā (980-1037).

Keywords: Aesthetics – Ibn Sīnā – Love – Beauty.

ENVIADO: 03.02.2015
ACEPTADO: 05.03.2015

¹ Professor do Departamento de Teoria da Arte e Música (DTAM) da UFES, do Programa de Doctorado Internacional a Distancia del Institut Superior d'Investigació Cooperativa IVITRA [ISIC-2012-022] *Transferencias Interculturales e Históricas en la Europa Medieval Mediterránea* (Universitat d'Alacant, UA) e dos mestrados de Artes e de Filosofia da UFES. *Acadèmic corresponent a l'estranger* da Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona. Site: www.ricardocosta.com. E-mail: ricardo@ricardocosta.com.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGFil) da UFES. Bolsista CAPES (2013/2015). E-mail: evansanper@hotmail.com.

I. Introdução – a *falsāfa* e a Estética

Os maiores *falasifa*³ nunca escreveram obras dedicadas especificamente à Estética, embora seus escritos abordassem assuntos atualmente estudados nessa área.⁴ Eles nunca consideraram as Artes e a Literatura como fins em si mesmas, mas como meios em relação a objetivos puramente intelectuais – as ciências filosóficas ou religiosas, por exemplo.

Imagem 1



Telha de cerâmica com elefante. Obra do final do século XII. A arte muçulmana, por prescrição corânica, estava – e ainda está – proibida de representar artisticamente imagens humanas (de todas as coisas criadas). Portanto, essa telha, produzida cerca de um século após a morte de Ibn Sīnā, é, de fato, uma obra heterodoxa, do ponto de vista religioso.

Os *falasifa* analisaram a natureza da beleza ao discorrerem sobre Deus e Seus atributos em relação à Sua criação, baseados sobretudo em fontes platônicas,

³ Termo que designa os filósofos helenizados em terras do Islã. É uma variação do termo *falsāfa*.

⁴ BLACK, Deborah L. *Aesthetics in Islamic philosophy*, 2014. Internet, <http://www.muslimphilosophy.com/ip/rep/H020>.

aristotélicas e neoplatônicas. A primeira obra da *falsafa*⁵ a tratar da beleza foi a *Pseudo-Teologia de Aristóteles*⁶, uma adaptação árabe das *Enéadas*⁷ de Plotino (c. 204/5-270 d. C.). Foi a partir da discussão sobre beleza contida nesta obra que os *falasifa* elaboraram o marcante contraste entre as *belezas sensível e inteligível*, além do *amor* e do *prazer* relativos a cada uma delas.⁸

Mais tarde, as *Epístolas dos Irmãos Sinceros* (ou *Epístolas dos Irmãos da Pureza – Ras’ul Ikhwan al-Safa*)⁹ também abordaram o tema do amor, e o *falasifa* Al-Fārābī¹⁰ (c. 872-950) tratou da beleza em *ārā ahl al-madīna al-fādila* (*A Cidade*

⁵ “*Falsafa*: a filosofia, e muito particularmente a filosofia grega, distinta do pensamento especificamente muçulmano, que oscilou entre o desejo de excluí-la e de se conciliar com ela”. MIQUEL, André. *O Islame e sua civilização*. Lisboa: Edições Cosmos, 1971, p. 552.

⁶ PSEUDO-ARISTÓTELES. *A Teologia de Aristóteles* (trad. Catarina Belo). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010.

⁷ Esta obra foi parcialmente traduzida para o português por José Barracat Júnior, em sua tese de pós-doutorado. Ver PLOTINO; PORFÍRIO. Plotino, *Enéadas* I, II e III; Porfírio, *Vida de Plotino* (trad. José Carlos Baracat Júnior). Campinas: UNICAMP, 2006. (Tese de doutorado).

⁸ BLACK, Deborah L., *op. cit.*, 2014.

⁹ Trata-se de uma enciclopédia filosófica e científica dividida em 52 tratados. Foi escrita no final do século X, ou pouco depois, por um grupo de intelectuais muçulmanos, os misteriosos *Irmãos Sinceros* (*Ikhwan al-safa*), possivelmente uma comunidade ismaelita de Basra, atual Iraque. As origens intelectuais das *Epístolas* podem ser traçadas ao sūfīs e ismā’īlis, e contém uma síntese das maiores tradições que haviam florescido até o momento no então califado abássida: o pensamento islâmico com as outras correntes intelectuais originárias das culturas do Mediterrâneo e das antigas Pérsia e Índia. Os temas dominantes dessa enciclopédia dos *Irmãos* são: a *teoria neoplatônica da criação*, a partir da *emanação* de um único criador, e a noção de que toda a criação está organizada em uma hierarquia. Também ensina como as almas podem se purificar de seus corpos e aderências à matéria e retornar à sua fonte divina, de onde vieram. As *Epístolas* contribuíram para a popularização e legitimação do platonismo no mundo islâmico, pelo qual se espalharam e chegaram até o *al-Andalus*. Há semelhanças entre a filosofia dos *Irmãos Sinceros* e as de Al-Fārābī e Ibn Sīnā (ambos neoplatônicos), em especial no que diz respeito à aproximação entre o conhecimento científico e a ascese espiritual. Dessa síntese, advém a noção islâmica de *intellectual*.

¹⁰ “Um dos principais filósofos do Islã medieval; sabe-se muito pouco sobre sua vida. Al-Fārābī era de origem turca e foi sustentado por Sayf ad-Dawlah, o governante xiita de Aleppo. Por meio de um professor cristão nestoriano, ele foi introduzido ao pensamento filosófico aristotélico. Ele via o Islã como o derradeiro lar do pensamento filosófico, e sustentou que o raciocínio humano era superior a todas as outras formas de conhecimento, incluindo o religioso. Fora um harmonizador das doutrinas de Platão e de Aristóteles, ao afirmar que as diferenças entre ambos resultaram de um mal-entendido em meio a uma verdade subjacente. No Ocidente, seus trabalhos foram traduzidos em latim e



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars 2 (2015/1)*

El Poder de la Imagen. Ideas y funciones de las representaciones artísticas

O Poder das Imagens. Ideias e funções das representações artísticas

The Power of Images. Ideas and functions of artistic representations

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

Virtuosa). Ambos os conceitos – *Amor* e *Beleza* – foram contemplados na obra de um dos maiores nomes da *falsafa*: Ibn Sīnā.

II. Ibn Sīnā, *al-Shaykh al-Ra'īs*¹¹

Ibn Sīnā é mais conhecido por seu nome latinizado, “Avicena”. Médico e filósofo persa do medievo, foi o maior nome da *falsafa* oriental. Renomado polímata, escreveu dezenas de tratados nas mais variadas áreas do saber.¹² Seu *al-Qānūn fī al-Tibb* (*O Cānone de Medicina*, séc. XI) ainda era lido em faculdades de medicina do Ocidente no século XVII, e foi uma das enciclopédias médicas mais famosas de todos os tempos.¹³

O filósofo influenciou profundamente a escolástica medieval: a tradução de partes de seus escritos fez com que o pensamento aristotélico fosse reintroduzido no Ocidente. Além disso, foi considerado uma grande autoridade por nomes como Tomás de Aquino (1225-1274), Duns Scotus (1265-1308) e Roger Bacon (1214-1294), que o citaram frequentemente.¹⁴ Ibn Sīnā foi influenciado pela filosofia grega antiga (sobretudo Aristóteles [384-322 a. C.] e o neoplatonismo de Plotino), além de Al-Farabi.

III. O *Risalah fī'l- 'ishq*

Ibn Sīnā escreveu um tratado especificamente sobre o tema do amor, o *Risalah fī'l- 'ishq* (*Tratado sobre o Amor*), onde ele também aborda a beleza.

influenciaram o desenvolvimento da filosofia medieval ocidental. Neste, seu nome foi latinizado como “Alfarabius”, e ficou conhecido como “o Segundo Mestre”, enquanto o primeiro fora Aristóteles” (tradução nossa). NEWBY, Gordon D. *A concise encyclopedia of Islam*. Oxford: Oneworld, 2002, p. 60.

¹¹ Título traduzível como “o grande mestre”, “o grande sábio”.

¹² Observe-se o seguinte exemplo: a foto no início deste trabalho é do mausoléu de Ibn Sīnā construído em 1950 na cidade de Hamadhān, no Irã. A construção possui uma colunata com doze pilares – a simbolizar as doze ciências cultivadas pelo gênio persa. Quantos outros filósofos seriam dignos de uma tal honra? A colunata também faz juz à definição de beleza dada por Ibn Sīnā: nela encontramos *ordem*, *composição* e *harmonia*, expressa em suas linhas simétricas.

¹³ CORREIO DA UNESCO. *Avicena*. Ano 8, n. 12. Rio de Janeiro: FGV, 1980, p. 15.

¹⁴ ATTIE FILHO, Miguel. *Os sentidos internos em Ibn Sīnā (Avicena)*. Porto Alegre: PUCRS. (Coleção Filosofia, 116), 2000, p. 31.

Imagem 2



Bayad toca para uma dama (detalhe). Iluminura de um manuscrito árabe da obra *Hadith Bayad wa Riyad* (وريد ارض بـ ياض حديث), final do século XII. Trata-se de uma história de amor. Seus protagonistas: **Bayad** (filho de um comerciante) e forasteiro de Damasco; **Riyad**, uma jovem educada na corte de um Hajib (vizir ou ministro) da Mesopotâmia; e uma dama, chamada **al-Sayyida**.

Neste trabalho, baseamo-nos em sua tradução crítica do árabe ao inglês feita por Emil L. Fackenheim.¹⁵ Seu manuscrito original contém 27 páginas, divididas em sete capítulos:

¹⁵ IBN SĪNĀ (AVICENA). “Risalah fi’l- ‘ishq” (*A Treatise on Love*) (transl. Emil L. Frankenheim, ‘*A Treatise on Love by Ibn Sina*’). In: *Mediaeval Studies*, vol. 7. [S. 1.]: [s. n.], 1945, p. 211-28.

- I. Sobre o poder do amor que permeia todos os existentes;¹⁶
- II. Sobre a existência do amor nas substâncias simples e inanimadas [minerais];
- III. Sobre a existência do amor nos existentes que têm a faculdade de assimilar a comida, enquanto possuem esta capacidade [vegetais];
- IV. Sobre a existência do amor nas substâncias animais, com respeito à sua posse desta faculdade animal;
- V. Sobre o amor pela beleza externa daqueles que são jovens e de espírito elevado;
- VI. Sobre o amor das almas divinas;
- VII. Conclusão (tradução nossa).¹⁷

O capítulo V (*Sobre o amor pela beleza externa daqueles que são jovens e de espírito elevado*) é o de nosso maior interesse, pois relaciona o amor e a beleza no homem.

A psicologia aviceniana é a base da doutrina sobre o amor no *risalah fi'l- 'ishq*.¹⁸ A expressão mais acabada dessa psicologia se encontra em outra obra do

¹⁶ Seguimos aqui Attie Filho, que prefere substituir, na filosofia de Ibn Sīnā, os termos “ser” e “ente” por respectivamente “existência” e “existente”. Ele dá as seguintes razões para tanto: “Entendemos que o binômio *wujūd* e *manjūd* é melhor traduzido por ‘existência e existente’. E, ao menos na metafísica de Al-Fārābī e de Ibn Sīnā, abolimos o uso dos termos ‘ente e ser’, que ficariam mais adequados às derivações do verbo auxiliar *kāna*. Os dois conceitos usados nas passagens em questão derivam da raiz *wajada*, que significa ‘encontrar, estar aí, estar presente’. Nesse sentido, ‘existir’ não tem aqui o sentido de ‘existere’, isto é, de algo que é oriundo de outra coisa, de provir de, mas, com mais propriedade no sentido daquilo que é encontrado, que está aí. Al-Fārābī no *Livro das Letras* explica ao menos três tentativas de adaptação da língua árabe para o vocabulário do ‘ser’. Ele e Ibn Sīnā optaram por essa terminologia a partir da raiz *wajada*, portanto, a partir de outras que estavam disponíveis em língua árabe. Essa não foi, pois, meramente uma escolha linguística sem consequências em vista da realidade. O binômio constitui-se como um principal pilar sobre o qual se erigi a metafísica de ambos. Em outra oportunidade poderemos verificar como também Al-Kindī, em sua *Filosofia Primeira*, espelha a riqueza de termos árabes para um vocabulário metafísico, variando o uso das raízes de modo muito mais livre do que a maneira sistemática utilizada por Ibn Sīnā”. ATTIE FILHO, Miguel. *Inteligência e metafísica em Ibn Sina (Avicena)*. São Paulo: Ed. do Autor, 2011.

¹⁷ “I. On the power of love as pervading all things; II. On the existence of love in those substances which are simple and inanimate; III. On the existnce of love in those beings which have the faculty of assimilating food, insofar as they possess that faculty; IV. On the existence of love in the animal substances, in respect of their possession of the animal faculty; V. On the love of those who are noble-minded and young for external beauty; VI. On the love of the divine souls; VII. General conclusion”. IBN SĪNĀ (AVICENA). “Risalah fi'l- 'ishq” (*A Treatise on Love*), *op. cit.*, p. 211.

¹⁸ IBN SĪNĀ (AVICENA). “Risalah fi'l- 'ishq” (*A Treatise on Love*), *op. cit.*, p. 210. A principal obra sobre Psicologia de Ibn Sīnā é o *Kitāb Al-Nafs (Livro da Alma)*, sexto livro do



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars 2 (2015/1)*

El Poder de la Imagen. Ideas y funciones de las representaciones artísticas

O Poder das Imagens. Ideias e funções das representações artísticas

The Power of Images. Ideas and functions of artistic representations

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

filósofo, o *Kitāb Al-Nafs (Livro da Alma)* parte da magistral enciclopédia *al-Šifā'* (*A Cura*).

Deus, o Puro Bem, em tudo implantou o princípio do amor, e este permeia todos os existentes. E isso é necessário porque o amor (bem como o *existencialmente contingente*) *emana*¹⁹ de Deus desde a eternidade: se Ele é o

segundo tomo de sua magistral enciclopédia *al-Šifā'* (*A Cura*), na qual o gênio iraniano ambicionou reunir todo o saber humano sob sua pena. O *Kitāb Al-Nafs* ganhou uma tradução em português pelas mãos de Miguel Attie Filho. Cf. IBN SĪNĀ (AVICENA). *Kitāb al-Nafs (Livro da Alma)* (trad., intro. e notas por Miguel Attie Filho). São Paulo: Globo, 2010.

¹⁹ Não é nossa intenção desenvolver no corpo deste trabalho o conceito de *emanação* em Ibn Sīnā, inerentemente articulada à Metafísica e Cosmologia avicenianas. Contudo, ei-la exposta nesta nota. A Cosmologia alfarábico-aviceniana é tributária da aristotélico-ptolemaica. Nesta, o Universo é um todo fechado em si, espacialmente finito e hierarquicamente ordenado. Em Al-Fārābī, essa cosmologia é constituída por uma ampla descrição metafísica e sistemática do mundo que une o conceito de *emanação* de Plotino à doutrina do *intelecto* de Aristóteles. Junto ao conceito anterior, Ibn Sīnā impõe a teoria da *animação* do Céu (dotado de várias almas, uma para cada esfera) e o sistema das *dez Inteligências*, que teriam duas funções: a pilotagem celeste e a produção/transmissão da *Primeira Inteligência* ao último emanado – o *Doador das Formas*, décima Inteligência que preside a esfera da Lua. O esquema tem origem com o *Existencialmente Necessário* (Deus, o *Uno*), que é puro *intelecto*. Sua única atividade consiste em *inteligir a si próprio*. Ao fazê-lo, ele dá origem, *necessariamente*, como conteúdo de conhecimento, a apenas uma única coisa e algo distinto de si: a *Primeira Inteligência*, o primeiro ser *emanado*. Esta *Primeira Inteligência* difere do *Existencialmente Necessário*, pois é o primeiro *existencialmente contingente*. Como também é capaz de *intelecção*, ela dá origem à pluralidade, pois contém em si a tríade neoplatônica – pensante, pensado, pensamento. A *Primeira Inteligência* (puro pensamento), ao pensar o *Existencialmente Necessário*, origina a *Segunda Inteligência*; e ao pensar a si mesma, produz a primeira esfera celeste, dotada de corpo (sua matéria) e de alma (sua forma). A *Segunda Inteligência* refaz essa tríade intelectual, ao originar sua esfera e alma celestes, além da *Terceira Inteligência*; e assim por diante, até a *Décima* e última *Inteligência*, o *Intelecto Ativo*, que preside a nona esfera (a da Lua) e com o qual a alma humana pode se relacionar. Do *Existencialmente Necessário* até a *Décima Inteligência*, temos o mundo *supralunar* (“além da lua”), formado por *dez Inteligências* e *nove esferas* celestes e concêntricas, cujo centro é a Terra – na seguinte ordem, da esfera mais afastada (a primeira, a do *Corpo Extremo*, engendrada pela *primeira Inteligência*) à mais próxima do centro (a nona, a da *Lua*, engendrada pela *Nona Inteligência*): *Corpo Extremo*, *Estrelas Fixas*, *Saturno*, *Júpiter*, *Marte*, o *Sol*, *Vênus*, *Mercúrio*, e a *Lua*. Assim, todos os corpos celestes visíveis a olho nu (tanto de dia quanto de noite) são a *matéria* de alguma das *nove esferas celestes* do mundo *supralunar*. Contudo, por tratar-se de uma matéria simples, não composta, tais corpos são perenes e incorruptíveis. A única atividade realizada pelos *Intelectos* das esferas do mundo *supralunar*, enquanto seres simples, não compostos, é um pensar ininterrupto. Abaixo da nona esfera, a da *Lua*, tem origem o mundo *sublunar* (“abaixo da lua”). É a inteligência desta esfera, chamada de *Inteligência Ativa*

existencialmente necessário,²⁰ a existência que sempre existe, o próprio amor, que provém eternamente d'Ele, também é necessário e sempre existiu. Imaginar que o amor não pudesse existir seria um absurdo, pois a existência incessante desta perfeição *provém necessariamente*, e não por acidente, de Deus, por meio de Seu desígnio. Ora o amor é a causa de um existente (o que é *existencialmente contingente*), ora o amor e a existência são uma e mesma coisa (eis o caso de Deus, o *existencialmente necessário*). Portanto, nenhum existente está desprovido de amor.

E assim Ibn Sīnā o define: *o amor é a aprovação total e completa do que é agradável e adequado, pois o bem ama o bem*.²¹ O amor é uma força de atração de um existente por aquilo que lhe é desejável. Todo existente aprova aquilo que lhe é adequado – seu fim, sua perfeição – e anseia por este quando está ausente; e, de forma análoga, rejeita aquilo que não lhe é adequado e a isto tem aversão.

Até mesmo as modalidades mais simples de existência, segundo Ibn Sīnā – respectivamente, a *matéria*, a *forma* e os *acidentes* – estão permeadas de um amor que lhes é intrínseco e causa de seu existir. A *matéria*, por exemplo, para fugir

ou *Doador das Formas*, que dá origem ao mundo *sublunar* e o faz proceder de si juntamente com a *matéria* e as *formas* deste. É no mundo sublunar que a Terra – e, por extensão, o homem – se encontram. Esta é a parte instável do universo e sujeita a mudanças, pois os múltiplos seres que a povoam, diferentes dos das esferas anteriores, são *compostos* pelos quatro elementos (terra, fogo, água e ar) e, como tal, sujeitos à corrupção. Portanto, a *emanação do Existencialmente Necessário* ao mundo sublunar segue uma escala decrescente de perfeição. Invertendo essa tendência, os quatro elementos, em escala de complexidade ascendente, originam o homem, criatura capaz de inteligir as formas destituídas de qualquer matéria a partir do momento em que seu *Intelecto Passivo* entra em consonância com o *Intelecto Ativo*.

²⁰ “Vale anotar que o *existencialmente necessário* implica num sistema fechado em si mesmo que, em parte, pode se aproximar mais dos princípios aristotélicos da eternidade do mundo do que de princípios religiosos da criação do mundo por meio de uma entidade separada. Hipoteticamente, neste último caso, Deus e mundo poderiam ser tomados como duas existências, na qual a segunda dependeria da primeira. Assim, poderia ser o mundo destruído em sua existência e Deus, na medida em que fosse um existente necessário por si, seria capaz de criar outros mundos. No presente caso, a questão é colocada sobre outras bases. Primeiramente porque a unicidade da existência retira a dualidade de um entendimento criacionista do tipo dualista. Deus e mundo estão, assim, implicados numa mesma existência. A inexistência de um dos elementos implicaria na inexistência do outro. A tarefa seguinte deve ser verificar como é possível que, a partir do fundamento unitário da existência, se manifeste uma pluralidade de existentes”. ATTIE FILHO, Miguel. *Inteligência e metafísica em Ibn Sina (Avicena)*, *op. cit.*, p. 108.

²¹ IBN SĪNĀ (AVICENA). “Risalah fi’l- ‘ishq” (*A Treatise on Love*), *op. cit.*, p. 213.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars 2 (2015/1)*

El Poder de la Imagen. Ideas y funciones de las representaciones artísticas

O Poder das Imagens. Ideias e funções das representações artísticas

The Power of Images. Ideas and functions of artistic representations

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

da *não-existência*, sempre persegue uma *forma*; e se acaso ela vier a perder a forma que tinha, apressa-se rapidamente em adquirir outra a fim de não deixar de existir. Prosaicamente o filósofo compara a matéria a uma mulher feia:

A matéria é como uma mulher censurável e malfadada que faz o possível para evitar que sua feiura se torne conhecida. E toda vez que seu véu é descoberto, ela esconde seus defeitos com sua manga.²²

Matéria, *forma* e *acidente* são características dos minerais, o primeiro escalão existencial segundo Ibn Sīnā, que aqui segue quase *ipsis litteris* ao Estagirita. Por sua vez, tais características têm suas propriedades. Por exemplo, a *forma* manifesta seu amor ao aderir ao seu sujeito de inerência e rejeitar o que a possa remover desse sujeito. Além disso, adere às suas perfeições e locais naturais quando os encontra; caso contrário, anseia pelos mesmos. Os *acidentes*, a seu turno, possuem o amor em sua própria definição, já que não existem separados de um sujeito.

Os vegetais estão um grau existencial acima, o segundo. Cada uma das faculdades que lhes caracterizam possui seu amor próprio. A *nutrição* deseja a presença da comida que será assimilada pelo corpo; o *crescimento* deseja o aumento proporcional do corpo, e a *geração* anseia produzir um novo existente similar a si mesmo.

Degrado acima, o terceiro, com os animais, a presença do amor é ainda mais patente. No que tange aos seus *sentidos externos*,²³ o amor inato dos animais é demonstrado quando eles buscam o que lhes é familiar nalguns objetos em detrimento de outros, e alguns mais repulsivos do que outros. No que diz respeito aos *sentidos internos*,²⁴ seu amor se prova pela satisfação que encontram ao imaginarem coisas agradáveis, ou ao se esforçarem para adquiri-las caso estejam ausentes. A faculdade *apetitiva irascível* é demonstrada quando o animal

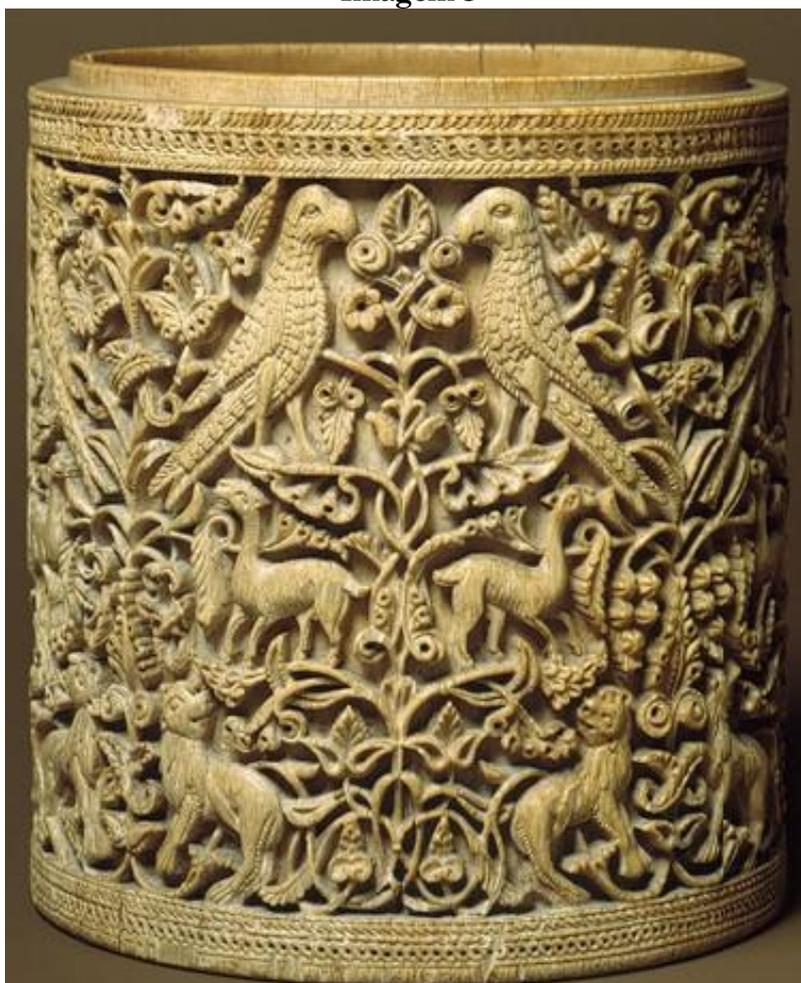
²² “Matter is like a low-born and blameworthy woman Who tries to prevent her ugliness from becoming known and whenever her veil is uncovered she conceals her defects with her sleeve”. IBN SĪNĀ (AVICENA). “Risalah fi’l- ‘ishq” (*A Treatise on Love*), *op. cit.*, p. 215.

²³ Os sentidos externos são cinco: visão, audição, olfato, tato e paladar; são abordados no *Kitāb Al-Nafs* nos Cap. II e III. IBN SĪNĀ (AVICENA). *Kitāb al-Nafs (Livro da Alma)*, *op. cit.*, p. 73-173

²⁴ Os sentidos internos, no *Kitāb Al-Nafs*, também são cinco: fantasia; imaginação; imaginativa; estimativa; e a que conserva e se lembra. São abordados no Cap. IV da obra. IBN SĪNĀ (AVICENA). *Kitāb al-Nafs (Livro da Alma)*, *op. cit.*, p. 175-209.

deseja vingança e domínio, enquanto repele a fraqueza e a humilhação (Ibn Sīnā aqui beira à humanização dos animais no terceiro escalão existencial).

Imagem 3



Pyxis (950–975), Califado espanhol, marfim da Andaluzia (11,8 cm de altura por 10,6 cm de diâmetro). The Cloisters Collection, 1970 (1970.324.5). A **Pyxis** (caixa redonda) corte transversal da presa de um elefante, era uma forma bem conhecida de objeto de marfim no Mediterrâneo. O tampo, ausente deste exemplar, em forma de cúpula baixa, com um arremate em cima, teria uma inscrição, talvez com uma data ou o nome do autor da obra. Usado principalmente em um contexto secular, as **pyxides** do mundo islâmico continham aromas preciosos, como o almíscar, a cânfora, e o âmbar cinza. Para o nosso tema, vale ressaltar que a natureza está representada em forma de casais de animais.

O amor aviceniano é cindido em dois. O primeiro, *natural*, como o nome diz, é aquele para o qual o existente naturalmente tende e onde encontra conforto.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars 2 (2015/1)*

El Poder de la Imagen. Ideas y funciones de las representaciones artísticas

O Poder das Imagens. Ideias e funções das representações artísticas

The Power of Images. Ideas and functions of artistic representations

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

O filósofo cita como exemplo a pedra que, onde se encontra, permanece, a menos que uma força externa a impulsione e perturbe sua quietude. O amor natural engloba as três faculdades vegetais supracitadas. O segundo tipo de amor é o *espontâneo* e *voluntário*, que faz com que seu possuidor seja capaz de, livremente, afastar-se de seu objeto de desejo quando necessário. Essa característica é própria dos animais. Ibn Sīnā cita o burro como exemplo:

[...] quando um burro vê um lobo se aproximar à distância, para de mastigar a cevada e corre em fuga, pois sabe que o perigo imediato que se abaterá sobre si é muito maior do que a vantagem de pastar.²⁵

Em seguida, o filósofo faz uma observação importante ao tratar do amor no homem. Às vezes, os dois tipos de amor acima elencados – o *natural* e o *espontâneo/voluntário* – podem ter um mesmo objeto de desejo. Enquanto o primeiro é natural e instintivo, o segundo é espontâneo e voluntário. Como exemplo, ele cita que a faculdade da *geração* vegetal e as faculdades *apetitivas* animais (a *concupiscência* e a *irascível*) estão relacionadas à procriação.

A diferença é que, nos animais irracionais, as ações, para além de naturais, são acompanhadas do livre-arbítrio proveniente de uma *fonte mais refinada e bela*. Outras vezes os animais se valem de seus sentidos *externos* e *internos* para isso. De fato, até mesmo o animal irracional, majoritariamente movido por seu amor inato e natural, tem algum grau (ainda que mínimo) de movimento por sua livre escolha. Sua fonte é a Divina providência, que assim a dispôs.

III. “Sobre o amor pela beleza externa daqueles que são jovens e de espírito elevado”

Neste que é o capítulo dedicado ao amor que os jovens espiritualmente elevados sentem pela beleza externa, Ibn Sīnā afirma que, quando uma faculdade qualquer da alma se alinha com outra que lhe é superior, ocorre um *enobrecimento* da primeira, que pode ascender outro degrau do que se estivesse só ou separada da última. Isso porque a faculdade superior auxilia a inferior a alcançar a maior *excelência*, a maior *perfeição* e a maior *beleza*. Como exemplo, a

²⁵ “Thus, for instance, when a donkey sees from afar a wolf approaching, He Will stop crunching barley and run away in flight. For He knows that the impending harm that would befall him far outweighs the benefit of pasture”. IBN SĪNĀ (AVICENA). “Risalah fi’l-‘ishq” (*A Treatise on Love*), *op. cit.*, p. 217.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars 2 (2015/1)*

El Poder de la Imagen. Ideas y funciones de las representaciones artísticas

O Poder das Imagens. Ideias e funções das representações artísticas

The Power of Images. Ideas and functions of artistic representations

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

faculdade *racional* humana assiste à faculdade *irascível* animal; esta, por sua vez, assiste à faculdade vegetativa.

Mas o contrário também pode ocorrer. A faculdade da *razão*, quando requisita o auxílio da faculdade da *imaginação*, torna esta mais forte e enérgica graças ao fato de ser reforçada pela primeira. Contudo, se acontecer da última se revoltar e usurpar a primazia que, por direito, cabe à primeira, podem advir graves consequências. Assim, ela age como:

[...] um mal servo, cujo mestre havia ordenado que o assistisse e se unisse a ele em uma importante ação. Contudo, após ser bem-sucedido, o servo pode pensar que por si só atingiu o fim desejado, que o conseguiu sem a ajuda de seu mestre, que ele seria incapaz de o conseguir sozinho e que, na verdade, ele [o servo] é o verdadeiro mestre – quando, na verdade, o servo apenas executou uma ordem planejada por seu mestre e com vista a um determinado fim, e disto o servo nada entende.²⁶

Um bom exemplo disso ocorre com a *faculdade do desejo*, uma das grandes fontes de corrupção do homem. Contudo, nem por isso ela deve ser abandonada, pois se ocupar seu lugar adequado na organização da alma humana, será boa e necessária para a obtenção de bons fins. Dessa forma, o filósofo afirma que inclusive as várias atividades humanas que dependem apenas das faculdades animais da alma – por exemplo, a *percepção*, a *imaginação* e o *ato sexual* – são executadas melhor e de forma mais *elevada* e *enobrecida* se com o auxílio da faculdade racional. Tanto é assim que, geralmente, as ações humanas são executadas a partir de uma parceria entre suas faculdades animal e racional.

Se isto ocorre assim, é porque esta ordem na alma racional fora querida por Deus; e se fora Ele quem assim estabelecera, então há certeza que tal ordem é boa em si mesma e que há o bem em cada uma de suas partes.

²⁶ “[...] it acts like a bad servant whom his master has commanded to assist him by joining him in an important enterprise and who thinks, after its successful completion, that he himself has achieved the desired end, that he has achieved it without his master, that his master would have been unable to do it and that he himself is the true master – whereas in truth he has merely carried out the desired end whose attainment the master has planned; but of this he knows nothing”. IBN SĪNĀ (AVICENA). “Risalah fi’l- ‘ishq” (*A Treatise on Love*), *op. cit.*, p. 219.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars 2 (2015/1)*

El Poder de la Imagen. Ideas y funciones de las representaciones artísticas

O Poder das Imagens. Ideias e funções das representações artísticas

The Power of Images. Ideas and functions of artistic representations

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

Contudo, perseguir um dos vários bens possíveis pode prejudicar a aquisição de outro bem superior. Por isso, o que geralmente é considerado perfeição nos animais, no homem é um vício: naqueles, representa o cume da natural composição hierárquica de suas almas; no homem, é um desvio, um acidente que lhe impede de alcançar a perfeição de sua natureza racional.²⁷

O filósofo tem claro para si que tanto o homem quanto o animal amam o que é *belo*, ou seja, o que possui *ordem, composição e harmonia*, uma trilogia compartilhada pelas civilizações antigas. Para isso, ele dá como exemplos os sons harmoniosos, os pratos bem preparados, os sabores bem compostos, e assim por diante.

Entretanto, enquanto no animal isto acontece por instinto, no homem isto pode ocorrer pela concepção das *ideias*, que são superiores à natureza. Ibn Sīnā nos assegura, portanto, que *faz parte da natureza dos seres racionais apreciar uma bela visão*.

Esta *apreciação* de formas belas pelo homem pode se dar de duas formas: a partir somente da faculdade animal, ou por uma parceria entre suas faculdades animal e racional. Se acontece pelo primeiro caso, trata-se de um vício e um dano à sua alma racional; se pelo segundo caso, é algo nobre e elevado, pois requer, para seu concurso, a obtenção dos *inteligíveis e universais eternos*, que não são sensíveis nem perecíveis.

Portanto, se um homem ama uma *bela* forma – uma bela mulher, por exemplo – com um desejo meramente *carnal, animal*, fora das regras sociais e religiosas islâmicas (ou seja, uma mulher que não é nem sua esposa nem sua escrava), ele merece reprovação. Mas se o faz de forma racional, então é digno de elogios, e o faz com nobreza e bondade. Isto ocorre porque a beleza *material, sensível*, que ele aprecia – a da mulher – torna-o capaz de alcançar algo maior e mais elevado – a beleza *imaterial, inteligível*, que o conduz à própria fonte da beleza e do amor, isto é, Deus:

Pois ele anseia algo pelo qual se tornará mais próximo da influência d’Aquele que é a primeira fonte de influência e puro objeto de amor, e também das coisas exaltáveis e nobres.²⁸

²⁷ IBN SĪNĀ (AVICENA). “Risalah fi’l- ‘ishq” (*A Treatise on Love*), *op. cit.*, p. 220.

²⁸ “For he covets something whereby he will come nearer to the influence of That which is the First Source of influence and the Pure Object of love, and more similar to the exalted

Por isso, para o filósofo, nem mesmo os sábios estão livres do fascínio causado por uma bela mulher, que não é algo mau em si mesmo, pelo contrário. Se tal fascínio – pela beleza física – é guiado por sua faculdade racional, então é louvável e enobrecido. Mais: torná-lo-á capaz de receber a *essência da mais pura forma de amor*, o próprio Deus. O *amor aviceniano* é, portanto, também uma forma de *ascese* espiritual, algo semelhante ao *Eros* platônico narrado por Diotima em *Banquete*.²⁹

O filósofo também reconhece que, às vezes, um homem pode ser feio externamente, mas belo internamente. Ele deixa claro que isto não é regra, mas exceção. E só ocorre porque, ou sua feiúra externa decorreu de um acidente externo (já que não pode ter como origem sua bela composição interna) ou sua beleza interior não lhe é natural, mas adquirida por meio de um longo hábito. De modo análogo, se um homem é belo em sua forma externa, e feio em sua disposição interna, ou a feiura de sua composição interna deu-se acidentalmente após sua composição, ou é consequência da forte influência de maus hábitos.³⁰

Conclusão

Ibn Sīnā sustenta filosoficamente no *Risalah fi'l- 'ishq* uma aproximação elevada do amor e uma apreciação intelectual da beleza. Ambas devem estar centradas na razão, a comandar suas faculdades animais – e inserida nos preceitos religiosos islâmicos. Contudo, é interessante notar que o filósofo não parece ter seguido de perto seu próprio conselho, caso consideremos as palavras de seu maior discípulo, al-Jūzjānī, na autobiografia de seu mestre, que ele completou:

O mestre era vigoroso em todas as suas faculdades; a sexual era a mais vigorosa e dominava suas faculdades concupiscíveis, pois exercia-lha frequentemente. Isso fez com que ela afetasse sua constituição, de cuja força

and noble beings”. IBN SĪNĀ (AVICENA). “Risalah fi'l- 'ishq” (*A Treatise on Love*), *op. cit.*, p. 221.

²⁹ PLATÃO. *O Banquete* (trad. notas e comentários por Donaldo Schüler). Porto Alegre: L&PM, 2009.

³⁰ IBN SĪNĀ (AVICENA). “Risalah fi'l- 'ishq” (*A Treatise on Love*), *op. cit.*, p. 221.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars 2 (2015/1)*

El Poder de la Imagen. Ideas y funciones de las representaciones artísticas

O Poder das Imagens. Ideias e funções das representações artísticas

The Power of Images. Ideas and functions of artistic representations

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

ele dependia, a ponto de, no ano em que ‘Alā’ al-Dawla lutou contra Tāsh Farrāsh, nos portões de al-Karaj [...] o mestre ter sido afligido por cólica.³¹

Ainda que al-Jūzjānī esteja, quase que explicitamente, a fazer um elogio do vigor sexual de seu mestre, o fato é que a filosofia do amor e da beleza pregada por Ibn Sīnā parece ter estado em contradição com seu decurso sexual, fato que, na tradição clássica (e medieval), não era estimado, tampouco virtuoso. O filósofo prescreveu um tratamento de saúde para si e tentou levá-lo a cabo por algum tempo. Porém, as cólicas eram intermitentes e ele nunca se restabelecia por completo – em grande parte por sua própria culpa, já que era incapaz de se subtrair à corte ou, principalmente: abster-se de sexo. *Nem mesmo um dia sequer!*

Fontes

IBN SĪNĀ (AVICENA). “Risalah fi’l- ‘ishq” (*A Treatise on Love*) (transl. Emil L. Frankenheim, ‘*A Treatise on Love by Ibn Sina*’). In: *Mediaeval Studies*, vol. 7. [S. l.]: [s. n.], 1945, p. 211-28.

IBN SĪNĀ (AVICENA). *The life of Ibn Sīnā* (trad., intro. e notas por William E. Gohlman). New York: State university of New York Press, 1974.

IBN SĪNĀ (AVICENA). *Kitāb al-Nafs (Livro da Alma)* (trad., intro. e notas por Miguel Attie Filho). São Paulo: Globo, 2010.

IBN SĪNĀ (AVICENA). “Risalah fi’l- ‘ishq”. In: *Islamic Philosophy Online*. Online, 2014. *Internet*, <http://www.muslimphilosophy.com>

PLATÃO. *O Banquete* (trad. notas e comentários por Donaldo Schüler). Porto Alegre: L&PM, 2009.

PLOTINO; PORFÍRIO. Plotino, *Enéadas* I, II e III; Porfírio, *Vida de Plotino* (trad. José Carlos Baracat Júnior). Campinas: UNICAMP, 2006. (Tese de doutorado).

PSEUDO-ARISTÓTELES. *A Teologia de Aristóteles* (trad. Catarina Belo). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010.

³¹ “The Master was vigorous in all his faculties, the sexual faculty being the most vigorous and dominant of his concupiscible faculties, and it exercised it often. It affected his constitution, upon whose strength he depended, to the point that in the year in which ‘Alā’ al-Dawla fought against Tāsh Farrāsh at the gate of al-Karaj, the Master was afflicted by the colic”. IBN SĪNĀ (AVICENA). *The life of Ibn Sīnā* (trad., intro. e notas por William E. Gohlman). New York: State university of New York Press, 1974, p. 81-83.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars 2 (2015/1)*
El Poder de la Imagen. Ideas y funciones de las representaciones artísticas
O Poder das Imagens. Ideias e funções das representações artísticas
The Power of Images. Ideas and functions of artistic representations

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

Bibliografia

- ATTIE FILHO, Miguel. *Os sentidos internos em Ibn Sinā (Avicena)*. Porto Alegre: PUCRS. (Coleção Filosofia, 116), 2000.
- ATTIE FILHO, Miguel. *Inteligência e metafísica em Ibn Sina (Avicena)*. São Paulo: Ed. do Autor, 2011.
- BLACK, Deborah L. *Aesthetics in Islamic philosophy*, 2014. Internet, <http://www.muslimphilosophy.com/ip/rep/H020>
- CORREIO DA UNESCO. *Avicena*. Ano 8, n. 12. Rio de Janeiro: FGV, 1980.
- MIQUEL, André. *O Islame e sua civilização*. Lisboa: Edições Cosmos, 1971.
- NEWBY, Gordon D. *A concise encyclopedia of Islam*. Oxford: Oneworld, 2002.
- TOWNSEND, Dabney. *The A to Z of Aesthetics*. [S.l.]: Scarecrow Press, 2010.